

O mito é uma fala: O uso da figura do Cacique Guairacá no discurso separatista do movimento O Sul é meu País¹

Michele de Melo²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

A instabilidade econômica e política de um país altera cargas energéticas poderosas no imaginário nacional, provocando questionamento nos conceitos de pertencimento, cidadania e identidade de seu povo, abrindo espaço para medidas extremistas e antiglobalizantes propostas por movimentos separatistas como O Sul é Meu País. Este trabalho tem como objetivo retomar aspectos históricos e econômicos dos três estados que compõem a região sul do Brasil, para comprovar o uso destes fatos como discurso mítico de que os sulistas são financiadores do resto do país. Esta investigação é feita por meio da análise da figura do Cacique Guairacá no discurso separatista, utilizando-se da teoria do semiólogo francês Roland Barthes que determina o mito como uma fala roubada, a qual se recorre para produzir uma significação naturalizante.

PALAVRAS-CHAVE: Mito; separatismo; imaginário; identidade

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por diversos períodos de conflitos, a começar por sua independência que se deu com o descontentamento à coroa portuguesa. Assim como esse movimento, outros da mesma natureza surgiram no século XIX, quando a identidade nacional estava em processo de formação. Entre eles, no Sul do Brasil por exemplo, ocorria Revolução Farroupilha (1835-1845), dada a insatisfação dos estancieiros gaúchos pelo governo central. Nos anos 1990, movimentos separatistas alegavam seus interesses em oposição a má administração do governo. No sul, o Movimento O Sul é Meu País (OSMP) não era diferente, retomava o discurso em grande parte pelo motivo histórico do descontentamento para com o “Poder Central”,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bolsista Capes, mestranda do programa em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: contato.micheledemelo@gmail.com

em “defesa do direito de autodeterminação”(DEUCHER, 2017). Por um período de duas décadas após sua fundação esteve inerte, mas em 2011 o movimento retoma suas atividades difundindo seus ideais com o auxílio das redes sociais.

Visto que esses movimentos ressurgem em momentos de crise e instabilidade, se torna emergencial averiguar suas influências, pois se apresentam como solução para dos problemas econômicos, políticos e administrativos do país. Podem ainda, evocar sentimentos de diferença, preconceito, racismo, entre outras tantas manifestações de ódio. Assim como tem crescido o número de adeptos ao movimento, também há a oposição, que tende a reduzir sua importância ou até mesmo levantar questões de inconstitucionalidade, por contrariar uma cláusula pétrea. Destarte, não devem ser subestimados, mas sim, compreendidos como fenômeno cultural, político e social da sociedade pós-moderna.

Ao imaginar um Brasil dividido, os separatistas defendem que os recursos devem ser administrados em suas próprias cidades, repassando o mínimo de impostos ao Estado. Logo, acreditam que possuem condições para manter um novo país, independente das condições impostas pelo Governo brasileiro, as quais, lhes parecem injustas, já que seus tributos recolhidos são direcionados a programas que favorecem os estados menos desenvolvidos, assim prejudicando o progresso da região sul.

Além dos fatores políticos e econômicos, há questões culturais e de identidade a serem consideradas nesse discurso, visto que os separatistas não se identificam como brasileiros - não se sentem representados pela imagem do Brasil do samba, carnaval e caipirinha-, tampouco se consideram europeus, africanos, indígenas ou pertencentes a qualquer outra ascendência. Se vêem diferentes, e enquanto não há efetivamente uma separação, denominam-se sulistas.

Por esse apreço ao sentimento sulista, os separatistas têm buscado enaltecer sua história, o que nos levou ao tema deste estudo. Durante a pesquisa da dissertação, notou-se que a figura do Cacique Guairacá e de seu sucessor Sepé Tiarajú reincide no discurso do OSMP. Tomado como primeiro herói ao defender a região sul, Guairacá não é retratado apenas como personagem de uma história pouco conhecida pelos brasileiros, ele se torna elemento de construção de sentido. Dessa maneira, busca-se

analisar por meio da teoria do semiólogo francês Roland Barthes - que determina o mito como uma fala roubada, a qual se recorre para produzir uma significação naturalizante-demonstrar os aspectos presentes no imaginário separatista.

De forma alguma pretende-se criticar ou questionar a legalidade do movimento na tentativa de emancipação. Pretende-se verificar de que forma o movimento utiliza fatos históricos como ferramenta ideológica no imaginário separatista sulista. Assim como, destacar através do personagem Cacique Guairacá o sentido de pertencimento e unidade dos sulistas nessa nova identidade, de forma a unir Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná em uma nova comunidade, um novo país. Espera-se que por meio deste trabalho, seja comprovado o uso desses fatos como discurso mítico de que os sulistas são financiadores do resto do país.

CRISE E FRAGMENTAÇÃO NACIONAL

Ironicamente, é possível chamar de tradicionais as crises políticas e econômicas que marcam a história do Brasil, que de longa data, vem desencadeando diversas revoltas por todo território. De forma generalizada, as queixas convergem a má administração e a Centralização do Poder. Destacam os separatistas, que a presente situação vivenciada pelos brasileiros sofre diretamente os reflexos do ano de 1986, pois “a República Brasileira já enclausurada no Planalto Central (Brasília), promove uma guerra civil não declarada entre as oligarquias regionais e jogam o País numa crise política e econômica que dura até os dias atuais” (DEUCHER, 2017). O que levou Irton Marx³ junto a outros adeptos do separatismo, escrever o Manifesto do Povo Gaúcho na década de 1980.

Em 1990 surge desse anseio, o Movimento pela Independência do Pampa (MIP), com o objetivo de separar o estado do Rio Grande do Sul do território . Os gaúchos logo perceberam a necessidade de apoio e dessa forma, buscaram “nos vizinhos mais próximos, pois assim, acreditam, será mais fácil atingir seus objetivos, uma vez que

³ Jornalista e político gaúcho, um dos fundadores do MIP.

alegam que Paraná e Santa Catarina sofrem da mesma discriminação por parte do Governo Federal que o Rio Grande do Sul” (LUVIZOTTO, 2003, p.72).

Estabelecendo uma rápida linha do tempo, percebe-se que para os sulistas, há uma série de tentativas anteriormente fracassadas quanto a conquista da autonomia da região sul. Passando pelos Movimentos Nativistas durante a colonização, liderados por Guairacá (1553) e posteriormente Sepé Tiarajú (1756); a Revolução Farroupilha (1835-1845); a Revolução Federalista (1893-1895); Campanha da Nacionalização na era Vargas (1933) e as influências dadas pela Constituição de 1988⁴, para então chegar a atual crise.

No decorrer desses seis anos, passo-se por alguns eventos que movimentaram o Brasil, política e socialmente. “Em junho de 2013, as ruas do Brasil foram tomadas por grandes protestos. A então presidente Dilma Rousseff sofreu grande abalo [...] as manifestações de julho de 2013, marcam a inversão da onda de otimismo, interno e externo, que vivia o país” (SILVA, 2017).

Diante desse cenário, o sentimento de revolta e insatisfação da população, ocasionou a produção de novos imaginários que ganhou corpo nos protestos, alimentando ideais de movimentos como O Sul é meu País. Fundado em abril de 1992, retomou vigorosamente suas atividades durante este período, buscando “viabilizar a emancipação política e administrativa dos três estados do sul do Brasil” (SUL LIVRE). Mas além da atual crise, o movimento demonstra através de seu “Poema da libertação sulista”, os fatos históricos, assim como suas alegadas perdas culturais e econômicas por conta dos momentos de derrota, resultante dos conflitos contra o Estado.

[...] Ao sul do Brasil existe uma corrente cultural, uma identidade política claramente expressa nos resultados das pesquisas nacionais, uma ruptura da boa distribuição tributária, uma forma de gerar riquezas um tanto quanto diferente do restante do que hoje chamam de federação brasileira. Alguns que não conhecem o movimento “O Sul é o meu país” exalam falácias sobre o que já nasceu de antepassados que por aqui deixaram o sangue após tantas guerras. Hoje temos uma nova chance para construirmos um projeto horizontal de gestão pública. (SOTTO, 2016)

Esses antepassados que “por aqui deixaram o sangue após tantas guerras” é um apelo ao passado histórico e “aguerrido” dos sulistas, demarcado pelo primeiro herói

⁴ A Constituição de 1988 estabelece em seus princípios fundamentais, no Artigo 1º, que a República brasileira é “formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal”.

eleito pelos separatistas, o Cacique Guairacá. O índio viveu até o ano de 1554 (quando foi abatido em combate), na região que se estendia do Paranapanema abaixo do Iguaçu e do Vale do Tibagi à margem oriental do Paraná. A opressão indígena, comum desde a época de colonização, teve resistência por parte dos índios, liderada por Guairacá. Armado de forma rudimentar, comandou embates defendendo suas terras, se tornando conhecido ao proferir a frase “CO IVI OGUERECO YARA!” (“Esta terra tem dono”). Durante o período colonial, destaca a memória separatista “um sentimento nativista de amor a terra Sulista unindo nosso povo para lutar contra Portugal e Espanha, que disputavam este território” (DEUCHER, 2017). Duzentos e cinquenta anos após a derrota do Cacique, o indígena Sepé Tiarajú daria continuidade à causa lutando contra os europeus.

Ao contar a “breve história do sentimento emancipacionista do povo sulista”, traz os separatistas. personagens como de Guairacá e Sepé Tiarajú com o intuito de resgatar esse sentimento nativista, enaltecendo parte de sua história, a qual denota os valores de coragem, bravura e luta de seu povo.

Nossa história de libertação do Sul vem de longe... Nascemos todos Guarani e Ges... De muitas povos e nações... Vínhamos ao mundo Guaianás, Ibiraiaras, Caaguás, Arachãs, Carijó, Tapes, Pampeanos, Kaiguangues, Xocklengs, Charruas, Caiuas, Minuanos, Mbyas, Xiripas, Xetas, Guenoas, Yaros, Mboanes e Chanás, entre tantos outros. Falávamos várias línguas e muitos dialetos... Tínhamos nosso próprio modo de vida. Nossa casa era a imensidão do mar verde da floresta Sulista. Nosso teto sempre foi as galhadas majestosas das araucárias. Éramos livres e não admitíamos que ninguém nos tolhesse o direito de andar e viver em plenitude em nossa própria terra. (DEUCHER, 2018)

Assim como os indígenas foram ao campo de batalha defender a região sul, liderados por Guairacá, os líderes separatistas fazem o chamado aos sulistas, para que compareçam às urnas, e de modo pacífico, “lutar” por sua desejada secessão por meio da democracia. Em entrevista à Sputnik Brasil (2017), Celso Deucher, um dos fundadores do movimento, admite que não há valor legal nesse plebiscito, pois não tem aprovação do Congresso Nacional. Complementa ainda, que a história emancipatória do Sul do Brasil teve início antes da delimitação das fronteiras do país. Para ele, a atual reivindicação seria uma espécie de nova versão de uma luta inaugurada em meados do século XVI, no Guaíra, e fortalecida mais tarde nas revoluções Farroupilha e Federalista. “É por este histórico e por estes motivos que cremos estarmos preparados e

suficientemente maduros para exercer, com sabedoria e responsabilidade, o direito de decidir o futuro de nosso povo”. (DEUCHER, 2017)

Em frente ao monumento que homenageia Guairacá na cidade de Guarapuava, estado do Paraná, lideranças do movimento OSMP alçam sua bandeira incitando:

Em cada casa, esquina, estádio, fábrica, escola, universidade, enfim, em todos os cantos de nossa amada terra Sulista os gritos de nossos heróis Guayracá e Sepé Tiaraju ecoam novamente, de norte a Sul... “Co Yvy Oguereco Yara”... É a divisa de luta nos chamando... Os clarins da batalha já se ouvem... Dia 7 de outubro, nosso glorioso exército estará novamente reunido, desta vez nas urnas, votando e assinando o Projeto de Lei da nossa liberdade. De pé e a ordem soldados pacifistas do Sul!!! (DEUCHER, 2017)

JOGO DE IDENTIDADES: DO BRASILEIRO AO SULISTA

As trocas e assimilações culturais vem abrindo caminhos desde tempos remotos, pois expandir reinados e conquistar terras distantes trouxe mais do que iguarias para os colonizadores. O uso da mão de obra escrava, assim como a exploração destas terras é um dos lados da balança, seu contrapeso é a diversidade cultural brasileira. O que restou dessa pilhagem, não foram os quilates dourados, mas o colorido de um povo miscigenado de norte a sul.

Enquanto negros eram colocados em navios para embarcar ao Brasil sem expectativas de dias melhores, os europeus se fixaram com promessas de riquezas e prosperidade. Para os imigrantes, as dificuldades enfrentadas em seus países tornava ainda mais atrativo o novo mundo que lhes ofereciam, enquanto que para os escravos negros e indígenas, as terras que trabalhavam tampouco lhes pertenceria. Entre perdas e ganhos, imigrantes, escravos e indígenas se mesclaram. Então, como brasileiros que se tornaram, assimilaram novas culturas reinventando suas tradições. Nas canções, poemas e dialetos encontram de forma saudosista, ligações identitárias com as terras de onde vinham e que se tornavam cada vez mais distantes.

Na contramão deste movimento expansivo e integrador, a população localizada na região sul majoritariamente de descendência européia retrocede o pensamento globalizador para se fechar em uma comunidade embasada na diferença. São sulistas por não se sentirem pertencentes a identidade brasileira, ao modo que “sabemos o que é

a ‘noite’ porque ela não é ‘dia’. Observe-se a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’” (HALL, 2006, p.40)

Parte deste discurso pode ser observado em um evento chamado “Mateando com o Sul”, que ocorre de forma itinerante pelas cidades que convocam a presença de Sandra Parma, membro da diretoria que preside os debates sobre os ideais do movimento. É comum a pauta de como seria o país formado pelos três estados sulistas, o que toca não somente as coordenadas administrativas, mas também culturais. Ao mesmo tempo em que visitam suas raízes indígenas, trazendo como uma espécie de slogan o grito de Guairacá, ao afirmar que o território sul tem dono e não mais permitirão ser “saqueados” por Brasília. Em um diálogo entre Parma e Emidio Glienke - atual presidente do movimento-, percebe-se os fatores históricos como formador de uma identidade sulista, sem negar as influências européias:

Se nós temos uma cultura que valoriza os antepassados, a história, deixa valorizar, deixa mostrar, conta a história da região, isso é um orgulho pra nós, ninguém gosta de esquecer o que passou, a gente gosta de lembrar e ter isso como exemplo para os nossos filhos. [...] temos que ter um parâmetro nacional, mas ao mesmo tempo nós temos que ter a valorização da região, valorização da cultura regional, da história. Por exemplo, acho que lá no Rio Grande do Sul, na escola deveria ser obrigatório aula de dança gaúcha, [...] embora a tradição gauchesca está espalhada pelo Brasil todo. [...] temos aí a cultura germânica, Pomerode, que é minha terra natal e acabou de ter a tradicional festa pomerana, alusiva aos 60 anos de Pomerode. [...] então e lá na escola eles também aprendem o idioma alemão, só que isso deve ser expandido para outras cidades, não só a alemã. A italiana por exemplo, em Rio dos Cedros, Indaial, essa região que é mais italiana, oferece a opção do idioma italiano pra manter tradição cultural. [...] Então seriam três idiomas, português, uma língua nativa e o inglês que seria importante para todo mundo. [...] A língua nativa que a gente fala, é porque nossos antepassados, eles nasceram aqui e os pais deles já falavam, então ela se tornou nativa [...] Nesse aspecto, são fatores que o movimento vai continuar batendo nas teclas de valorizar a cultura do Sul, a questão econômica, macroeconômica da região sul, óbvio. [...] e aí eu faço um parêntese que no passado, no período de regime militar, muitas culturas foram proibidas de falar outros idiomas e de exaltar a sua cultura de origem, suas tradições e com isso se matou, se massacrou parte da riqueza cultural que os nossos antepassados tinham nas mais diferentes regiões do Brasil. E não tem como você criar uma cultura única, num país enorme como é o Brasil, é impossível, é um país continental. [...]. Recentemente eu viajei algumas regiões do Brasil de moto curtindo umas férias e, a gente vê as diferenças, a gente vê a diferença cultural, sócio cultural, diferença econômica, é muito diferente. (SUL LIVRE, 2019)

Ao mesmo tempo em que o Movimento reivindica ao Estado suas contribuições que são de proporção maior ao que retorna como investimento para os municípios -razão essa apontada pela maioria dos separatistas como resposta à sua causa-, destaca-se também os fatores históricos e culturais, que complementam a ideia de que

além das injustiças a serem combatidas pela secessão, reservam-se no direito de estar entre seus semelhantes. Em entrevista ao Sputnik Brasil, Anítria Rocha (coordenadora-geral do OSMP) fala sobre as motivações do grupo:

Somos um povo diferente de outros povos do Brasil. Não somos melhores nem piores do que os outros povos do Brasil. Somos apenas diferentes, até porque somos mais aguerridos nessa busca pela liberdade. Mas o fator que mais nos motiva é econômico-tributário. Hoje, todos os impostos que recolhemos seguem para Brasília. Retornam para nós apenas 20% do que pagamos ao Tesouro Nacional. Estamos cansados de ser o burro de carga de Brasília. Nós mandamos dinheiro e mais dinheiro para lá, e o que nos devolvem são migalhas. (ROCHA, 2017).

Percebe-se então um deslocamento desses sujeitos que não se consideram brasileiros, tampouco se assumem como europeus por sua ascendência. O que lhes confere o sentimento de ser estrangeiro em seu próprio país, descrito por Kristeva como a possibilidade de sermos estrangeiros para nós mesmos, pois “o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades”. (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Para Hall (2006), como sujeitos pós-modernos, as identidades estariam em “colapso”. Logo, seriam os sulistas o reflexo de uma sociedade composta por indivíduos deslocados das identidades culturais nacionais, como parte de um tipo diferente de mudança estrutural que está a transformar as sociedades no final do século XX. “Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. (HALL, 2006, p.9)

Deucher (2014) em entrevista a Vice, ao declarar que não se sente brasileiro, é voz daquilo que se encontra nas redes sociais, faz perceber que para muito mais além das queixas econômicas e administrativas, há um sentimento de não pertencimento. “Não sei o porquê. Não sei o que é que houve. Cara, como é que tu vai me obrigar a me sentir brasileiro? Entendeste? Não tem outra nacionalidade que eu me sinta mais. Eu não me sinto alemão, não me sinto italiano, não me sinto nada: eu me sinto sulista”.

Assim, trazem os porta-vozes do movimento em seus discursos, dados econômicos mesclados ao sentimento de descaso do Estado para com os Sulistas. Seus relatos, de acordo com Luvizotto (2009) são embasados em “uma tradição e costumes arraigados desde sua origem, uma produção significativa de alimentos e que, por isso,

estão condenados a ‘carregar’ os estados brasileiros mais pobres”. Amparado por recortes históricos, é que o Movimento tem construído sua identidade e sustentado o discurso mítico de que os sulistas são financiadores do resto do país.

O MITO É UMA FALA

De acordo com Barthes (2009, p. 201) “A semiologia é uma ciência das formas, visto que estuda as significações, independentemente do seu conteúdo”. Assim sendo, não se tratará de uma imagem em específico, mas de um ideal, uma imagem que paira no imaginário social separatista, a figura do Cacique Guairacá. Ampara-se em Guittard (2010), que chamou de “imagens imaginadas” as fotografias que encontrou na imprensa para ilustrar uma versão de *Mithologies*, editada por ela, originalmente publicada em 1957 por Barthes. Ademais, o mito é uma fala, um modo de significação e o imaginário separatista é construído por um discurso, composto pela linguagem, encontrada na música e na dança, onde trazem parte da sua história para enaltecer sua cultura; das falas corriqueiras entre adeptos sulistas; contos e causos em verso e prosa; nos centros desportivos e culturais de tradição; em fotografias e filmes; e atualmente nas redes sociais, formando um grande escopo para nos debruçarmos nas análises mitológicas. Ou seja, tudo pode ser considerado como um mito de acordo com Barthes (2009, p. 199-200) “[...] Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas”.

No que diz respeito à temática do discurso separatista, embasado em seu passado histórico, percebe-se a constante oposição ao Poder Central em função do alegado descaso para com a região sul. O esforço do trabalho do povo sulista é segundo eles, desvalorizado pelo Estado ao não investir em melhorias às cidades do sul. Esse valor por sua vez, segundo os separatistas, é redistribuído em forma de programas sociais que beneficiam outros estados, o que nos leva a crítica de Barthes que aponta a cultura “pequeno burguesa”. É perturbadora a confusão criada entre a natureza e a história, conforme exemplifica Lavarda (2017, p.2) ao falar do objetivo de Barthes ao recuperar aquilo que ele chama de o “abuso ideológico” que é mascarado por essa confusão.

[...] é a História que transforma o real em discurso; é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas. (BARTHES, 2009, p. 200).

Para melhor compreender a contribuição de Barthes neste estudo, primeiramente apresenta-se o movimento separatista, suas motivações e as implicações históricas que proporcionaram o crescimento de seu discurso. Portanto, observa-se o papel da história na construção dos ideais separatistas, reafirmando questões de identidade, pertencimento, criando alicerces para uma nova comunidade imaginada, um novo país. Para então, decompor-se o discurso mítico de que os sulistas são os financiadores do resto do país, por meio do sistema semiológico.

Na semiologia barthesiana encontramos os termos “significante”, “significado” e o “signo”. Para Barthes (2009, p. 203) “o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: temos, portanto, o significante, o significado e o signo, que é o total associativo dos dois primeiros termos”. A exemplo, o autor exemplifica o sistema semiológico ao abordar um ramo de rosas:

[...] faço-o significar a minha paixão. Não existem apenas aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão? Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existem rosas "passionalizadas". Mas, no plano da análise, estamos perante três termos; pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão: esta e aquelas existiam antes de se juntar e formar este terceiro objeto, que é o signo. Do mesmo modo que, no plano do vivido, não posso dissociar as rosas da mensagem que transportam, também não posso, no plano da análise, confundir as rosas como significante e as rosas como signo: o significante é vazio, e o signo é pleno, é um sentido. (BARTHES, 2009, p.203)

O mito é composto pelo mesmo esquema do signo, porém, ele se utiliza deste primeiro esquema (da associação entre um significante (denotativo) e significado (conotativo)), para formar um segundo sistema semiológico. Onde o signo, por sua vez, é decomposto de uma forma esvaziada de sentido, associada a elementos (de valores sociais, culturais e históricos) para resultar na significação do mito. Outro exemplo da operação mitológica, é dado por Barthes enquanto no cabeleireiro, observava a capa da revista francesa Paris-Match, de número 326, publicada em 25 de junho de 1955. Se trata de uma fotografia de Willy Rizzo, onde há o retrato de um jovem negro (significante) prestando uma saudação militar (significado). Imagina ele que o olhar fixo

do jovem se dirige à “bandeira tricolor” (francesa), seria este o sentido da imagem. O segundo sistema parte deste primeiro:

vejo decerto o que ela significa: que a França é um grande Império, que todos os seus filhos, sem distinção de cor, a servem fielmente sob a sua bandeira, e que não há melhor resposta para os detratores de um pretensão colonialismo do que a dedicação desse jovem negro servindo os seus pretensos opressores. Eis-me, pois, mais uma vez, perante um sistema semiológico ampliado: há um significante, formado já ele próprio por um sistema prévio (um soldado negro faz a saudação militar francesa); há um significado (aqui uma mistura intencional de "francidade" e "militaridade"); há, enfim, uma presença do significado por meio do significante. (BARTHES, 2009, p.199)

Mediante estes exemplos, passa-se ao objeto deste estudo que compõe o sistema primeiro. O Cacique Guairacá (significante) que liderou outros guaranis no embate contra portugueses e espanhóis (significado). A proclamação da frase “esta terra tem dono” seria o sentido. A segunda estrutura se utiliza desse sentido, e sua significação compreende no roubo dessa fala para justificar a causa dos separatistas como um ato heróico. Os fundadores do movimento se equiparam a Guairacá, liderando o povo sulista contra os “Outros” - o Estado e o restante do país-, salvando as terras que compreendem o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná da administração brasileira, que estaria a explorá-los, beneficiando aos outros estados menos produtivos, logo, seriam eles a pagar as contas. Assim como combatem aos saques feitos pelo Poder Central, batalham contra as influências culturais de outros estados, que julgam ameaçar a história e a cultura herdada de seus antepassados. Diferentes desses Outros, são eles sulistas como se definem, não mais brasileiros.

Estes fenômenos ocorrem porque para Barthes (2009) o mito é uma fala “roubada e restituída”. O significante roubado, coloca-se no lugar de uma nova forma, diferente da anterior. O roubo deforma o sentido primeiro e não se restaura, é como o tempo que não volta, a forma do mito entra numa espiral que segue em frente no porvir mítico. Por fim, Barthes cita o último aspecto da significação: a motivação do mito, esta energia para produzir um estado de coisas, estruturar e manter a ordem.

Assim como toda ideia de roubo, segundo Barthes, também há uma violência que gera uma deformação. Os separatistas destituem a figura histórica de Guairacá de seu significado referido para agregar a ele o valor de herói, com o intuito de aproximar os três estados sulistas em novo combate, saindo dos campos, de suas casas para

voluntariamente assinar o plebiscito, e manifestar o desejo de secessão. Essa mensagem se torna muito clara ao observar o discurso do movimento, expressado em forma de convite em suas redes sociais. Logo após o enunciado do evento, descrevem em um pequeno texto que as regiões sudoeste e oeste do Paraná originaram alguns de seus antepassados “onde pela primeira vez o povo guarani se levantou contra a invasão espanhola e portuguesa” e que seu “símbolo principal” é o Cacique Guairacá. A chamada justifica a escolha do local “Durante o Plebisul 2016 e 2017 as regiões sudoeste e oeste do Paraná tiveram um papel muito importante para as votações, e agora o Movimento quer prestigiar os líderes da região fazendo o Congresso Nacional em suas terras.” (SUL LIVRE, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar uma linha histórica permite verificar traços de uma identidade nacional e perceber os grupos que não se identificam com ela. A falta de pertencimento e a formação de identidades de regiões é um fenômeno comum da sociedade moderna, o que permite aos pesquisadores, discutir e desmistificar suas mensagens, refletir seus discursos e compreender as motivações de movimentos como o Sul é Meu País. Mesmo pequeno (se comparado ao percentual total da população brasileira), deve ser considerado como manifestação de uma fragmentação que se mostra em movimento. Em um país que vem se dividindo cada vez mais, seja politicamente polarizado, por conflitos históricos, econômicos, ou por discriminação racial e de gênero, estes movimentos separatistas se tornam mais um grupo construindo espaços imaginários.

A análise do discurso separatista a partir de um personagem histórico é uma das perspectivas exploradas num campo infindável de mitos. A manipulação dessa história leva crer que os Outros brasileiros são uma ameaça aos estados sulistas, um inimigo em comum faz de três estados distintos um outro lugar, suscita o imaginário de uma nova comunidade. Por este motivo, observa-se a importância para os separatistas de evocar heróis em sua história. Ao mesmo tempo em que sinaliza-se os vilões que prejudicam o

desenvolvimento da região sul, naturaliza-se a ideia de que seus recursos são redistribuídos para pagar as contas de um Brasil que não se orgulham de fazer parte.

A diferença é que o Outro é parte constituinte da identidade brasileira e por sua vez, da região sul. O imaginário separatista sulino tem sido moldado por meio de vários mitos, de muitas falas roubadas, destruídas, reconstruídas e ao atribuir novos valores, naturalizadas como discursos legitimador da causa secessionista. É evidente a estratégia mítica recorrente e efetiva no discurso separatista. O mito é um sistema produtor de sentido, e não de fatos. Assim, segundo Barthes, quando a mensagem ideológica é desmontada por meio da análise da sua significação e não da sua relação natural, revela sua artificialidade. O objeto desta análise está em constante movimento, sendo assim todo processo de análise ou investigação também estará sempre em mudança.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno, 4a ed. Pedro de Souza e Rejane Janowitz. - 4a ed. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

DEUCHER, Celso. Breve história do sentimento emancipacionista do povo sulista, 2017. Disponível em:

<https://www.sullivre.org/breve-historia-do-sentimento-emancipatorio-do-povo-sulista/>. Acesso em dez. 2018.

_____. 262 anos da morte de Sepé Tiarajú, 2018. Disponível em: <https://www.sullivre.org/262-anos-da-morte-de-sepe-tiaraju/>. Acesso em dez. 2018.

_____. A Conferência Nacional com 50 pessoas que Querem Separar o Sul do Brasil, 2014. Disponível em:

https://www.vice.com/pt_br/article/9a9n3z/a-conferencia-nacional-com-50-pessoas-que-querem-separar-o-sul-do-brasil. Acesso em dez. 2018

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Etnicidade e separatismo no Rio Grande do Sul**. Marília, SP: UNESP / FFC, 2003, 113 pp.

_____. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP).

SILVA, José Medeiros da; LIMA, Rafael Gonçalves. Para se entender a crise política do Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/297359-1>>. Acesso em dez. 2018.

SILVA, Sandro. Celso Deucher, do ‘O Sul é o Meu País’, 2017. Disponível em: <https://diarinho.com.br/noticias/entrevistao/celso-deucher-do-o-sul-e/>. Acesso em dez. 2018.

SOTTO, Joacir Dal. O Poema da Libertação Sulista, 2016. Disponível em: <<https://www.sullivre.org/o-poema-da-libertacao-sulista/>>. Acesso em dez. 2018.

Sul Livre. Mateando com o Sul - Dúvias, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/FLNBR/videos/280663889499926/>

_____. Sobre o movimento. Disponível em: <https://www.sullivre.org/sobre-o-movimento/>. Acesso em dez. 2018.

_____. Veja como foi o XXVI congresso Nacional, 2018. Disponível em: <https://www.sullivre.org/veja-como-foi-o-xxvi-congresso-nacional/?fbclid=IwAR0ms-jYZbEmznPARAPurJm3K95dD6y4vWSY9fAD0yP-5UABaOG9fFBinso>. Acesso em dez. 2018.

ROCHA, Anítria. Separatistas do Sul: 'Não somos burros de carga de Brasília' (EXCLUSIVO), 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/brasil/201710069529655-exclusivo-separatismo-sul-brasil-e-ntrevista/>